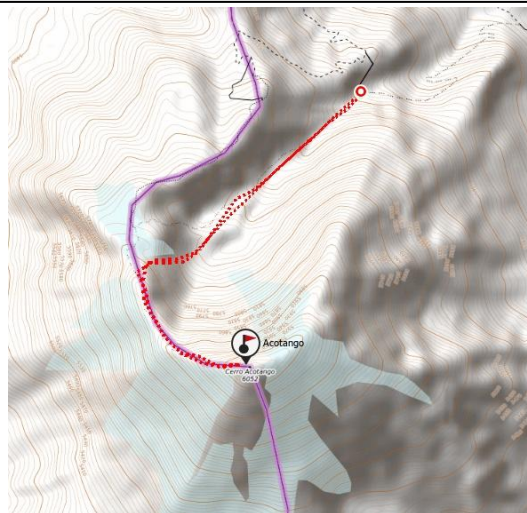


ACOTANGO

Aresta norte – Bolívia

Dificuldade:	F
Horário:	5 / 7 h da base ao cume 2/3 h para a descida
Extensão:	6 km
Desnível:	650 positivo e 650 negativo
1ª ascensão	Club Andino de Chile, 1965
Material:	Crampons, bastões, piolet

Início: [18°22'01.5\"S 69°02'28.9\"W](https://www.google.com/maps/place/18°22'01.5\)



O Acotango é um 6000 situado na Cordilheira Occidental, na fronteira com o Chile, e próximo do colo de passagem de Tambo Quemado, principal fronteira com o Chile desta zona. Em conjunto com o Humarata (5730 m) e o Capurata (5990 m) formam o maciço Quimsachatas que em Aymara quer dizer "Três Gémeos". É um 6000 acessível, mas longo, e relativamente frequentado. Na sua base situam-se uma serie de minas onde até há poucos anos se fazia a extracção de minérios. Isto fez que durante bastante tempo, mesmo depois das minas deixarem de ser exploradas, os seus guardas não deixassem passar o que impedia a ascensão a este cume.

Fizemos este cume num único dia, saindo de Sajama por volta das 3 da manhã e regressando a meio da tarde. Tal como na maioria dos cumes desta zona a aproximação tem que ser efectuada em veículo 4x4 pois os estradões e desníveis não permitem que seja de outra forma. São cerca de 50 kms de distância que demoram pelo menos um par de horas.

Começamos a andar ainda de noite e num instante começam as dúvidas por onde é o caminho. Por estarmos no meio das minas não faltam caminhos e trilhos que facilmente nos levam na direcção errada. Aqui a ajuda de um gps pode ser bastante útil e poupar o tempo de um possível engano. Depois de algumas dúvidas, e já com o lusco-fusco do nascer do dia, acabamos por dirigir para o sítio certo.



O caminho começa numa zona alta do vale que fomos subindo de jeep, junto a uma curva mais apertada. Temos que subir o vale cerca de 1,5 kms para a seguir, quando o vale abre mais e contra o que seria a tendência natural, subir lateralmente à nossa direita para alcançar a aresta que marca a fronteira. Normalmente será por aqui que vamos necessitar de calçar os crampons.

A partir daqui seguimos pela larga aresta até ao inicio da pala final, mais empinada no inicio e que suaviza no final, e que nos deixa no cimo. Tal como quase todos os cumes desta área, também este é isolado o que nos permite uma visão fantástica de 360º à sua volta. Para o lado do Chile é mesmo possível ver uma fumarola do cimo do vizinho vulcão Guallatiri que nos lembra que grande parte destes cimos é, ou foram, vulcões. Deste cimo temos a possibilidade de ver seis cumes de 6000 metros como é o caso do Sajama, dos Payachatas entre outros.

Apesar do frio o dia está excelente pelo que acabamos por estar um bom pedaço de tempo a apreciar a paisagem e a tirar fotografias.

O regresso faz-se pelo mesmo caminho, agora sem enganar, até ao jeep que nos levaria de regresso ao hotel.

Alojamento em La Paz: Existem muitos pequenos hotéis em La Paz, em especial na zona mais turística junto ao mercado das Bruxas, ao Museu da Coca e à igreja e Museu San Francisco. Nós ficamos no hotel Sagarnaga, pequeno, simpático e limpo, com preços acessíveis e um restaurante agradável. Foi através da agência deles que contratamos as deslocações para Lago Titicaca, a volta no Salar de Uyuni e a ida e volta para Sajama. Inclusivamente guardaram-nos as coisas enquanto fomos ao Salar sem

ACOTANGO

Aresta norte – Bolívia

qualquer problema. Este hotel marcamos de Portugal o que nos permitiu ter transporte entre o aeroporto e o hotel quando chegamos e quando partimos.

Chegar a Sajama: Existem varias opções de transporte entre as linhas regulares até ao aluguer de táxis. Nós, como estávamos num grupo, optamos por contratar um mini bus directamente na agência existente no hotel. Não ficou mais barato mas permitiu-nos escolher os horários e não estar preocupados a vigiar a bagagem em cada paragem do autocarro normal.

Alojamento em Sajama: Apesar de existirem vários nós optamos por ficar no Hostal Sajama que tinha as melhores opiniões e era dentro de Sajama, algo que não acontecia com todos. Existe pelo menos outro em Sajama, o Oasis, que na altura nos pareceu mais fraco. Também para este alojamento agendamos de Portugal apesar de não ter sido um processo fácil para nos entendermos com proprietário via email.

Transportes Sajama: Apesar de tentarmos varias opções de transportes entre os locais onde estivemos acabamos por optar por alugar os jeeps existentes no hotel o que também nos permitiu gerir melhor o relacionamento e horários. O dono do Hostal é guia local pelo que também pode fornecer algumas informações adicionais, apesar de uma forma geral tentam vender a parte guiada e esmorecer a vontade de quem tenta ir sozinho.

Alimentação: Quando não estávamos na montanha nós comemos quase sempre nos hotéis, e por vezes em restaurantes. No que se refere à alimentação para as actividades levamos o que mais gostávamos de Portugal, inclusive no que se refere aos liofilizados para as refeições maiores. De qualquer forma é possível encontrar alguma comida desidratada ou snacks numa das várias lojas de montanha que tínhamos disponíveis nas ruas próximas do hotel em La Paz. Como fogões usamos os normais a gás de rosca e para-ventos tipo Jetboil e compramos também nas lojas de material de montanha. Não houve dificuldade em encontrar mas convém verificar os preços variam de local para local.

Equipamento: Apesar de não apanharmos temperaturas muito mais baixas do que, por exemplo, nos Alpes, vimos vários relatos que pessoas que apanharam até 20 graus negativos e princípios de congelações. Estas temperaturas têm essencialmente a ver com ventos que podemos apanhar, a sensação térmica muito baixa que originam e com o ar seco que transportam. Esse é o principal perigo destas montanhas depois da altitude. Sendo locais muito aberto de planalto o vento não tem praticamente nenhum obstáculo. Nós levamos casacos de penas grossos, sem ser de expedição, em conjugação com outras camadas de casacos de fibras, forro polar e impermeável de membrana como corta-vento. Sem ser no hotel, eu nunca usei o casaco grosso em altitude. Para as pernas chegaram as calças de primeira camada, forro polar e impermeável de membrana como corta-vento. Para quem tenha um pouco mais de frio um suplemento pode ser interessante. Em relação às botas tivemos quem arrisca-se com umas botas iguais às que levaria para os Alpes. No meu caso reforcei com um cobre-botas integral e usando meias de lã de merino. A conjugação funcionou muito bem sem ter necessitado de investir muito. As luvas são algo que vale a pena investir, sendo que as manoplas são uma boa solução para este tipo de terreno menos técnico, mantendo bem as mãos quentes. Algo muito recomendável é levar bastões. Ajudam muito nas descidas através dos penitentes ou do cascalho.

[montanhaescalada.com]



Descarregar percurso GPS